

---

# Alexandre Honrado

diz que

## dentro das histórias se sente feliz

Embora tenha estudado História, Alexandre Honrado já teve muitas profissões: foi professor, jornalista, investigador... De todas, a predileta é a de escritor, e, para além de gostar de escrever (lê e escreve muito), gosta de colecionar livros.

### Foi uma criança bem comportada ou mal comportada?

Não há crianças bem comportadas. As crianças quando são bem comportadas não estão a fazer o seu serviço, e o seu serviço é fazer a profissão delas, que é brincar. Eu não era uma criança bem comportada no sentido formal e não era uma criança violenta no sentido em que me portava tão mal que precisasse de uma intervenção da Escola Segura ou da Polícia de Segurança Pública. Era uma criança normalíssima (felizmente), que adorava brincar, que é o que é normal nas crianças.

### Lembra-se de algum castigo que teve de cumprir nessa altura?

Lembro-me. Não vou falar de nenhum, mas lembro-me de imensos castigos que tive de cumprir naquela altura e foram castigos das mais diversas índoles. Havia aquele tipo de chantagem: «Se continuares a fazer isso, não vais ao cinema até seres velho», mas não vou falar de nenhum castigo, obviamente, vou passar nesta entrevista a imagem de que fui uma criança irrepreensível.



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

### Gostava de ler quando era pequeno? Lembra-se dos livros de que mais gostou?

Sim, lembro-me perfeitamente dos livros que lia quando era pequeno. Mais do que isso: eu adorava bolos – assumo isso –, e adorava livros, e adorava gelados, e adorava livros... Não me lembro de nenhum bolo nem de nenhum gelado que tivesse comido, mas lembro-me de quase todos os livros que me deram a ler ou de que fui à procura sozinho. Há uma diferença colossal nisso, é que alimentei-me muito mais dos livros que me deram a ler ou que fui procurar, do que daqueles gelados e daqueles bolos.

### E lembra-se de alguns títulos desses livros?

Lembro-me de muitos títulos, títulos que às vezes não dizem nada às gerações atuais, obviamente, cada um lê aquilo que é do seu período e da sua geração. Lembro-me de fases em que devorava **Emilios Salgaris**, **Jack Londons**, **Júlios Vernes** de empreitada; da **Condessa de Ségur** confesso que li alguns, ou até livros que eram nitidamente femininos. Em minha casa havia raparigas, e eu lia livros da biblioteca das raparigas. Lembro-me de coisas que lia misturadas com as coisas de rapazes, como a *Brigitte* (uma coleção de livros de Berthe Bernage), ou, em muito pequeno, lia as *Anita* antes da minha irmã mais velha, por exemplo. Confesso: eu lia, lia, lia; houve fases em que lia menos, mas quase sempre li muito. Li muito graças a duas coisas: primeiro, porque dentro das histórias me sentia muito feliz (ficava extremamente realizado ao fazer o percurso da história e a história ficava dentro de mim como um grande amigo, cheio de emoções), e também, por outro lado, porque tinha uma avó extraordinária, chamada Ana, que me levava sempre um livro novo à cabeceira da cama ou ao sítio onde eu estivesse. Tenho um livro escrito sobre a figura da rainha D. Maria I, e disse nesse livro qualquer coisa como: «Era a minha avó Ana que me levava as rainhas à cama.» E era verdade: ela levava-me as rainhas, as princesas, os bandidos, os facínoras, os políticos (que às vezes são bandidos e facínoras, enfim...). Levava-me as coisas mais extraordinárias, que fizeram do meu cérebro (que está próximo do meu coração) uma coisa mais feliz, se calhar, do que o das outras crianças.

### E na escola, de que disciplinas é que gostava mais?

Numa fase da minha vida, a disciplina de que mais gostei, nitidamente, foi físico-química. Gostava muito de matemática numa fase, fazia exercícios de matemática compulsivamente, por divertimento. Não era particularmente bom aluno a Português ou em Língua Portuguesa, porque tinha gramática e eu estudava muito relativamente a gramática, e safava-me com notas excelentes de uma maneira simples: redigia com alguma fluência. Aí é que estava o segredo. Gostava muito de algumas disciplinas e vim a gostar apaixonadamente de História, até hoje.

### Quando é que começou a gostar de escrever?

Comecei a gostar de escrever aos dois anos, quando escrevi na parede do quarto. A minha mãe tirou-me o lápis e disse: «A partir de hoje, escreves num quadro preto que eu te vou dar, e só fazes aí os teus gatafunhos.» E eu fazia mesmo gatafunhos, arabescos, riscos, as coisas mais desenfreadas, até que um dia fiz dois riscos em pé, que faziam o telhado de uma casa, o nariz de um palhaço, o bico de um pássaro ou a letra «A», que é a letra do meu nome, e entrei para dentro das letras. Entrei para dentro delas associando-as em pequenas carruagens, pequenas palavras, e depois associei essas pequenas carruagens

umas às outras e fiz grandes viagens de comboio das palavras e das frases, e ainda não parei até hoje. Foi um entusiasmo aprender a juntar aquelas letrinhas. Foi cedo que o fiz, mas não há nenhum génio nisso. O que há é um gosto de perceber que aquelas palavras serviam para qualquer coisa, para guardar os sonhos, e, mais tarde, para guardar pequenas histórias que inventava oralmente. Eram as minhas histórias, que eu guardava para sempre num caderno. Isso fez o fascínio, a magia, e nunca mais parou.

### **E quando é que decidiu que queria ser escritor?**

Nunca decidi. Aconteceu-me uma vez estar numa grande, vastíssima, plateia com muitas crianças numa escola – é normal, os escritores vão às escolas a toda a hora –, e, de repente, houve uma que levantou o dedo, começou a fazer-me uma pergunta e disse «O senhor, que é escritor...» e aí eu caí na realidade: o que é que é ser escritor? É escrever livros, publicá-los e ter um público que os leia; não é nada de especial. Também sou escritor como os outros, se bem que, na minha infância, o escritor tinha uma cabeça de pedra, estava no jardim, e, basicamente, tinha um olho tapado, chamava-se **Camões** e era o maior de todos. Depois descobri que por trás dos livros há pessoas, e eu, por acaso, estou por trás dos livros. De repente, estou por trás dos livros, a «largá-los» como filhos que vão viver para casa das mulheres e dos maridos, que é dá-los aos leitores. E eles fazem deles o que querem, fazem dos livros coisas extraordinárias: peças de teatro, construções das mais variadas em termos das artes plásticas e dos trabalhos manuais, poemas, outros finais para as histórias, cartas e e-mails para mim... Destroem os livros muitas vezes, põem-lhes dedadas, dobram as páginas, mas fazem deles coisas muito úteis e, ao contrário do que se possa dizer, em Portugal há uma nova geração, virada para outro tipo de preocupações, e as pessoas dessa nova geração estão a construir qualquer coisa que ainda não se percebe bem, uma outra cultura, e leem nos suportes mais variados, nos suportes multicanais, na Internet e de outras maneiras, e fazem dos livros grandes utilidades.

### **Alguns dos seus livros são livros de aventuras. Quando era pequeno também vivia aventuras dessas?**

Claro! E até às vezes aventuras que queria que existissem e que não chegaram a existir nunca. Vivi algumas aventuras extraordinárias e acho que a mais extraordinária é a aventura do crescer, de desafiar o desconhecido, de não saber o dia de amanhã. Hoje cada vez se coloca mais essa questão: nós não sabemos o dia de amanhã – nas novas gerações mais do que noutras quaisquer, porque a sociedade está a ditar-nos grandes dúvidas. Essa é uma grande aventura, a aventura de viver, continuar a confiar. O homem é o único animal que sabe que vai acabar (todos os outros animais não têm consciência disso), e continua, luta – essa é a grande aventura.

### **Num outro livro seu, *O Rapaz que Aprendeu a Voar*, o rapaz do livro, a dada altura, começa a fazer uma coleção das coisas bonitas que encontra. Faz alguma coleção atualmente?**

O rapaz dessa história faz uma coleção porque o avô colecionou a vida e ensinou-o a colecionar pequenas coisas maravilhosas da vida. Ele vai fazer essa coleção para respeitar a alma do avô. Eu faço coleção de livros. Já aconteceu no dia dos meus anos ficar quase sem ordenado porque me ofereci um livro que queria há muitos anos, muito antigo, e que só havia no alfarrabista (que são aqueles senhores que vendem livros muito antigos), e já me aconteceu colecionar textos, papéis, só pelo grande gosto de mantê-los vivos, mantê-los comigo e fazer deles alguma coisa nova em cima disso. Coleciono (também)

.....

uma coisa perfeitamente por acaso – acho que nunca tinha dito isto em público, mas vou dizer agora. Fiz uma pequena viagem de férias e cheguei a uma igreja que estava a ser destruída. Nessa igreja havia bocados de banco de madeira no meio do chão e eu pedi para ficar com um pedaço muito grande de um banco desses de igreja. Coleciono uma coisa que me foi feita através dessa madeira que recolhi nessa igreja: um artesão transformou esse bocado de madeira numa pequena figura talhada, que é um monge a ler. A partir dessa altura, passei a colecionar bonecos com livros na mão: estão a ler (a maior parte deles), estão com o livro debaixo do braço, estão com um livro em várias circunstâncias. Só que neste momento já vou em mais de mil, trazidos de muitos países, por pessoas amigas, por mim próprio quando saio do país, trazidos de todas as partes de Portugal, pessoas que fazem de propósito para mim – muitas vezes vou às escolas e já lá tenho um objeto desses, um boneco a ler, feito até pelos próprios alunos. Essa é a minha coleção; confesso que é a única de que me lembro agora (além dos livros).

### E quando era pequeno, tinha outras coleções?

Não que me fidelizassem. Fiz daquelas coleções que toda a gente fazia, de cromos; lembro-me de uns cromos da História de Portugal que me interessavam imenso, com desenhos de um homem que desenhava maravilhosamente, o António Barata; lembro-me de fazer coleção de cromos de futebol; de algumas revistinhas; de uma revista de banda desenhada que mandávamos vir de fora (os nossos pais não gostavam nada de ter de pagar aquilo...), chamada *À Suivre* (quer dizer «a seguir») e que era escrita em língua francesa, mas penso que vinha da Bélgica, e não colecionava muito mais coisas.

### Quando escreve para crianças e jovens, tem temas sobre os quais goste mais de escrever?

Escrever para crianças e para jovens tem uma grande distinção; para crianças escreve-se de uma maneira, para jovens escreve-se de outra. Por outro lado, é um jogo que não é para a nossa idade; nós estamos a jogar com as palavras, com as ideias, com os sentimentos, numa coisa que já não é exatamente para o público-alvo da minha própria idade e, portanto, temos de ter cuidados acrescidos. Os temas são os que normalmente os jovens e as crianças dominam e preferem como seus. Eu penso que escrevo sobre sentimentos, sobre formas de pensar, de sentir e de agir. Escrevendo sobre sentimentos, posso escrever sobre sentimentos violentos, agressões que as crianças e os jovens muitas vezes sofrem na pele, mas também sentimentos como a alegria, como o humor – gosto muito de colocar o humor nas histórias e penso que as crianças gostam também de algumas histórias minhas que têm nitidamente essa linha de humor.

### Escreve todos os dias?

Não, tenho até as chamadas «ressacas criativas» – passo dias em que não me apetece nada escrever coisa nenhuma –, mas escrevo muito quando escrevo e sou capaz de estar a escrever quase como se estivesse constipado e com febre: até passar a febre, não deixo de escrever, e escrevo horas seguidas e às vezes não dou por mim e perco-me completamente naquilo que faço. Perco-me no bom sentido: estou muito divertido ou muito envolvido com o que estou a escrever.

### Tem um sítio especial onde goste de estar quando escreve?

De maneira nenhuma. Escrevo em qualquer lado, em qualquer situação, desde que tenha vontade de escrever. Já escrevi em sítios tão diferentes como um estádio de futebol ou uma fronteira onde havia

.....

refugiados a passarem de um lado para o outro e a Cruz Vermelha com a ONU a fazer a sua passagem. Escrevo em qualquer circunstância; consigo escrever com uma facilidade... Há uma história que eu estimo, a história do Astérix e do Obélix. O Obélix é um personagem que, diz-se, caiu num caldeirão da poção mágica quando era pequeno e ficou forte para sempre. Eu devo ter caído num caldeirão qualquer das palavras, porque gosto muito das palavras, saem-me com uma naturalidade surpreendente e, quando escrevo, passo de tema para tema com alguma facilidade. Há dias em que me sinto muito triste por alguma razão, e nesses dias não escrevo, não sou capaz, porque acho que levo a tristeza às pessoas (não vale a pena).

### **Como é que nasce uma história?**

A história é a coisa mais simples de fazer. A nossa cultura é uma cultura transportadora de histórias – desde os homens primitivos que chegavam à caverna e pintavam na parede o bisonte que iam caçar, com vontade de o caçar, ou o touro bravo que tinham caçado, e contavam a história na parede através de desenhos. A nossa cultura humana é uma cultura de histórias; nós contamos sempre histórias. Chegamos a casa e dizemos: «Nem queiras saber o que aconteceu hoje lá no emprego...». Chegamos da escola e dizemos: «Nem queiras saber o que me aconteceu hoje: andei ao estalo com alguém e consegui resolver as coisas pacificamente.» Somos contadores de histórias por natureza. A história é a coisa mais simples e mais espontânea no ser humano: tem um princípio, depois a conversa é como as cerejas (pode continuar por ali fora e nunca mais acabar...), tem um meio – esse meio tem de ter uma dinâmica enorme, para nós termos vontade de chegar ao fim – e tem um fim. Esse fim é fechadinho («acabou, morreram, não acontece mais nada») ou é aberto («ele foi-se embora para voltar um dia»). Não há muito mais do que isso: o fim, o princípio e o meio. O princípio, muitas vezes, já vem feito – «Era uma vez...» –, mas se o escritor for um bocado mais imaginativo, não «era uma vez», era às vezes ou talvez não fosse...

### **Para além de ser escritor, que outras profissões é que tem?**

Não tenho mais nenhuma neste momento. Estive no ensino muitos anos, depois dediquei-me à investigação – e hoje lido com instrumentos de investigação com cada vez mais seriedade (prefiro não publicar coisas até ter a certeza sobre elas; prefiro andar muitos anos à volta de um tema para depois publicá-lo) – e trabalhei muito em comunicação social – hoje trabalho quase por divertimento na comunicação social, não é a comunicação social em que eu acredito (é alguma comunicação, mas não é nada social, é mais ruído social, na maior parte dos casos). Penso que a única profissão que tenho é viver e nos intervalos escrever.

### **E, dessas profissões todas que disse agora, tem alguma preferida?**

Sim, escrever.

### **Porque é que é importante ler?**

Eu dou um exemplo às crianças mais pequenas: um miúdo pôs o dedo numa ficha; por cima dizia «Perigo, alta tensão». Ele não sabia o que era «perigo», não sabia o que é que era «alta tensão» e muito menos ler (não leu também porque era preguiçoso). Meteu os dedos na ficha e morreu. Se gostasse

.....

de ler; estava vivo. Ler tem essa vantagem: ensina-nos, principalmente, a evitar aquilo que não queremos e ensina-nos a guardar as coisas de que mais gostamos para nós porque queremos que elas fiquem conosco. Não tem mais importância do que isso; é da nossa vida que se trata, é sermos ricos por dentro.

**Por fim, pergunto se tem alguma mensagem que gostasse de deixar aos seus leitores?**

Não acredito nas mensagens. Nunca pensem que as mensagens vos trazem respostas; as respostas estão dentro de vocês e vocês têm que andar à procura delas. Escutem tudo, aprendam a criticar, aprendam a ser livres. ■